

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

# PROJETOS PEDAGÓGICOS DE JORNALISMO À LUZ DOS SABERES FREIRIANOS

Antonia Alves Pereira<sup>1</sup>; [antoniaalves@unemat.br](mailto:antoniaalves@unemat.br)

### RESUMO

Este artigo discute as estratégias comunicacionais e as práticas pedagógico-comunicacionais presentes em 23 projetos pedagógicos de cursos de Jornalismo, públicos e privados, nas cinco regiões do país, tendo como respaldo as recomendações das diretrizes curriculares e extensionistas para a contribuição com o desenvolvimento local e regional e a resolução de dilemas sociais. O referencial teórico-metodológico fundado em Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Milton Santos levou à aplicação dos métodos da análise documental e do mapa das mutações contemporâneas para perceber indicadores educacionais, dialógicos e mediadores na ação dos cursos em suas relações entre Comunicação, Educação e Geografia. A partir de quatro categorias (diálogo, gestão, participação e redes), a análise empreendida apontou para a existência de uma dimensão dialógico-cidadã latente nos projetos que impulsiona suas ações para a transformação sociocultural no território usado e no acontecer solidário.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Ensino de Jornalismo. Projetos pedagógicos. Indicadores educacionais. Práticas pedagógico-comunicacionais.

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), em 2013, os cursos de Jornalismo vêm dando feições regionais e locais ao fazer jornalístico. Em sua atuação é possível perceber um viés dialógico e cidadão no processo formativo e nas práticas laboratoriais, de extensão e de estágio supervisionado que expressam interesse pelo desenvolvimento sustentável e valorização das diversidades locais e regionais, fundamentadas nas premissas de Paulo Freire. Constatamos isso na tese<sup>2</sup> que investigou 26 cursos de jornalismo públicos (federal, estadual e municipal),

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e da Linguagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), vinculada ao Curso de Jornalismo.

<sup>2</sup> A Tese “Formação em Jornalismo: um estudo de projetos pedagógicos e práticas pedagógico-comunicacionais em diferentes regiões brasileiras” foi defendida no Programa de Comunicação da UERJ, em dezembro de 2023, sob a orientação da professora Sonia Virgínia Moreira.

privados e confessionais das cinco regiões brasileiras a partir de dois parâmetros: as diretrizes curriculares e extensionistas (Brasil, 2013; 2018) e o lugar de inserção dos cursos como território (Martín-Barbero, 2010; 2017[2019]).

Estes autores fundantes propiciaram um mergulho transdisciplinar em três áreas do conhecimento - Comunicação, Educação e Geografia. A atenção se voltou para averiguar como os cursos estão formando um profissional que compreenda a comunicação como um direito humano fundamental e se deixe tocar pelas demandas sociais ao reportar a realidade. Esta postura é capaz de incluir os sujeitos do lugar nas narrativas e deixá-los cientes de sua cidadania para usufruir bens e serviços da rede urbana em igualdade de condições no acontecer solidário, um lugar de apropriação.

Para Milton Santos, o conceito de território usado pode apresentar concepções distintas para os atores hegemônicos (recurso para garantia de interesses) e os atores hegemonzados (abrigo em busca de sua adaptação ao meio geográfico para recriar estratégias para sua sobrevivência nos lugares). No acontecer solidário, estas forças se manifestam nos espaços banal (espaço de todos) e das redes (espaço de alguns), propiciando diferentes e diversos usos do território. Ocasionalmente surgem os territórios vulneráveis que demandam por transformação e fazem eclodir a força do lugar, o que pode ser potencializado com as ações dos cursos de jornalismo. Entretanto, não basta ir ao território para manter a situação estabelecida e naturalizada. É preciso que a ida aos lugares fortaleça o direito à comunicação e o exercício da cidadania num contexto de forças contra hegemônicas frente àquele aos processos hegemônicos.

Como um “grito do território” (Santos, 2005), as demandas localizadas carregam relações de saber-poder a serem ressignificadas pelo “giro multiterritorial decolonial” (Haesbaert, 2021), uma releitura de o “giro decolonial” pelo território e pela multiterritorialidade das pessoas em suas vivências de novas territorializações. O movimento de resistência da decolonialidade, a transformação sociocultural ganha força com conceitos como: repensar os saberes negados como pluriverso (Escobar, 2016), territórios de r-existência subalternizados (Anzaldúa, 2016), ecologia de saberes (Souza Santos; Menezes, 2009), colonialidade do saber-poder comunicacional (Maldonado, 2016), interculturalidade que tem o diálogo como facilitador das mediações sociais, políticas e comunicativas (Walsh, 2005; 2007; 2017; 2023),

pedagogia da diversidade (Gomes, 2017), dentre outros, e suas questões teórico-prática, político e epistemológico.

No contexto da interculturalidade e das pedagogias com viés intercultural e da diversidade estão as pedagogias freirianas que carregam em si a força do diálogo e da acolhida do outro nos processos comunicativo e educativo e do mapa das mediações (Martín-Barbero, 2010; 2017[2019]) que possibilitam compreender o sensório contemporâneo nas complexas relações entre comunicação, educação, política e cultura. Este olhar cartográfico possibilita observar a transformação dos territórios pela ação dos cursos de jornalismo a partir do que apontam as DCNs e as Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira.

Os documentos oficiais instigam os cursos, expresso nos projetos pedagógicos, a contribuírem com o desenvolvimento local e regional e com a resolução de dilemas sociais, visto que a formação do jornalista o leva a ser agente de cidadania e produtor intelectual para uma sociedade democrática que, por sinal, é inacabada. A perspectiva do inacabado na formação leva ao compromisso dos cursos e dos atores vinculados ao compromisso de propor ações que assegurem o regime democrático, a cultura da paz, os direitos humanos, as liberdades públicas, a justiça social, o pluralismo de ideias e de opiniões e a compreensão de que a comunicação é um direito humano.

De acordo com as diretrizes curriculares e extensionistas, a formação se faz na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, potencializada pelo diálogo com a sociedade. Com caráter transformador e interdisciplinar, suas atividades precisam contemplar uma formação cidadã, crítica, responsável, dialógica e intercultural que estejam alinhadas ao compromisso social no que concerne às políticas de educação ambiental, de educação étnico-racial, de educação indígena, dos direitos humanos e do desenvolvimento social, equitativo e sustentável.

Paulo Freire, Jesus Martín-Barbero e Milton Santos que fundamentaram o referencial teórico-metodológico da tese, não apenas com conceitos, mas por sua trajetória de envolvimento com os sujeitos dos lugares. O território usado no contexto da formação jornalística foi desvelado pelo teor dos projetos pedagógicos<sup>3</sup> - foco deste

---

<sup>3</sup> A pesquisa contemplou 26 cursos e analisou 23 projetos pedagógicos, visto que alguns não foram acessados por dificuldades internas nas instituições. A discussão está no quinto capítulo da Tese.

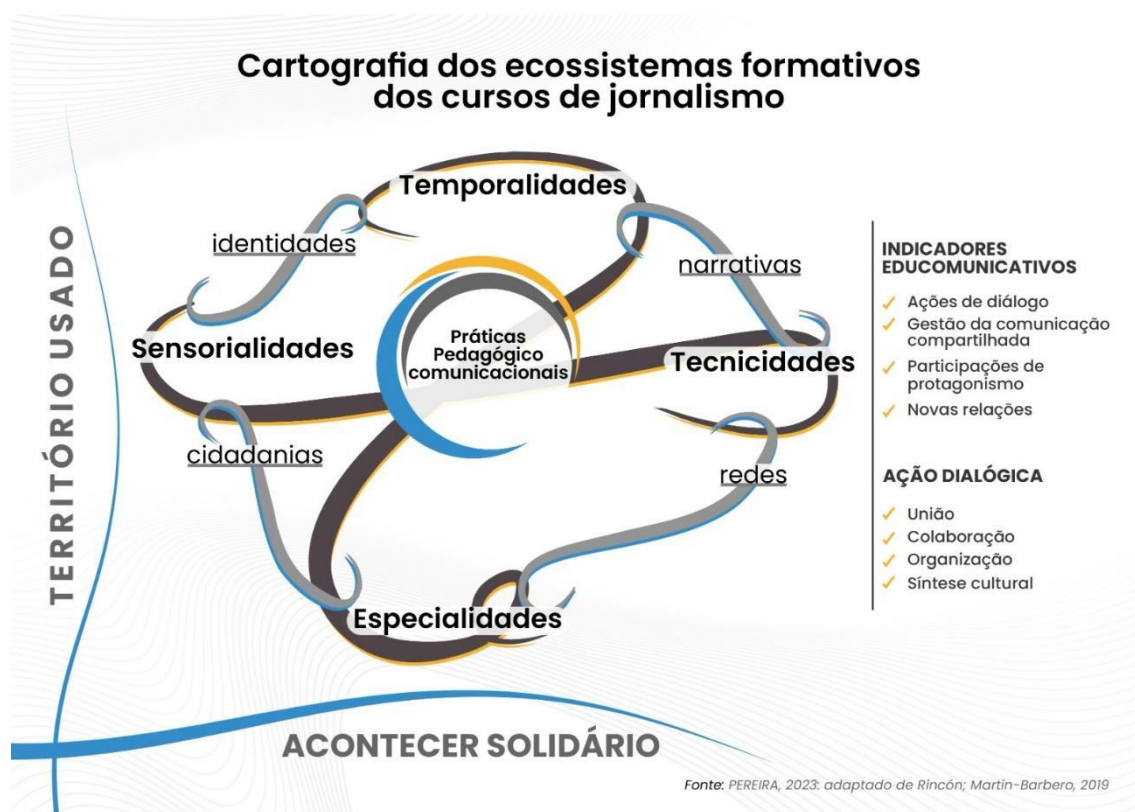
artigo - e do olhar dos coordenadores de curso para identificar suas estratégias comunicacionais e suas práticas pedagógico-comunicacionais, uma das áreas de intervenção da Educomunicação, delineada em quatro indicadores educacionais (Mello, 2016). Estes foram ressignificados com a ação dialógica - união, colaboração, organização e síntese cultural (Freire, 2018a) e as mediações - identidades, narrativas, cidadanias e redes (Martín-Barbero; Rincón, 2019), a saber: ações de diálogo-identidades-união, gestão da comunicação compartilhada-narrativas -colaboração, participações de protagonismo-cidadanias-organização e novas relações-redes- síntese cultural.

Disseminado por pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) e da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom), as ações na interface Comunicação e Educação (Soares, 1999; 2011) são mobilizam os espaços de vivência dos sujeitos - os ecossistemas comunicativos, conceito de Martín-Barbero, que foi ressignificado para este fim e se materializam por meio de áreas que intervêm no local para ampliar as relações dialógicas dos atores sociais numa relação horizontal e participativa. Isto acontece porque há mediadores que atuam em vista de uma gestão da comunicação compartilhada e participativa, que atuam com mediação tecnológica que seja capaz de favorecer o surgimento de práticas pedagógico-comunicacionais, dentre outras possibilidades (áreas) que melhorem a comunicação, a participação e a interação dos sujeitos com o intuito de levá-los ao exercício da cidadania, ao empoderamento e à transformação social do seu contexto sociocultural.

Por sua complexidade, o sensório contemporâneo apresenta múltiplas facetas que podem ser melhor elucidadas pelo mapa das mutações contemporâneas. Com o olhar cartográfico barberiano, a pesquisa acompanhou a movimentação dos eixos entre temporalidades, espacialidades, tecnicidades e sensorialidades atenta às novas mediações que emergem desta tensão – identidades, narrativas, redes e cidadanias, expressas no quarto mapa (Martín-Barbero; Rincón, 2019). Exímio cartógrafo, Martín-Barbero revelava as complexas relações entre comunicação, educação, cultura

e política por meio de mapas<sup>4</sup>, em constante revisão: em 1987, em *Dos meios às mediações*; em 1998 reconfigura o mapa com a movimentação dos eixos síncronos e diacrônicos; em 2009 e 2017 dá a conhecer outros dois mapas em entrevistas a Mauriluce Moura e a Omar Rincón. Os três primeiros aparecem nos prefácios da obra seminal, contextualizadas naquele momento histórico (Martín-Barbero, 2010) e o último se encontra na coletânea celebrativa dos 30 anos daquela obra seminal (Jacks; Schmitz, Wotrich, 2019) no diálogo entre Omar Rincón e Martín-Barbero (2019).

**Figura 1: Cartografia dos ecossistemas formativos jornalísticos**



Fonte: PEREIRA (2023)

<sup>4</sup> Embora sejam considerados quatro mapas, Martín-Barbero contextualiza que seu primeiro mapa (ainda sem a complexidade cartográfica dos demais) é de 1980 quando ele apresentou três campos estratégicos de investigação: a estrutura transacional da informação, as novas tecnologias da comunicação e a comunicação alternativa e popular.

A Figura 1 ilustra a aplicação do mapa sobre esta ambiência de formação e práticas no território usado e no acontecer solidário dos sujeitos no exercício do diálogo enquanto se observam os eixos moventes (temporalidades/espacialidades/sensorialidades/tecnicidades) e as mediações (identidades, narrativas, redes e cidadanias). Esta versão foi aplicada sobre o território usado dos ecossistemas formativos jornalísticos para buscar conexões dialógicas e cidadãs nos projetos pedagógicos, com amparo na análise documental (Moreira, 2008) e na ação da pesquisadora-artesã- cartógrafa que aprende e personaliza instrumentos para elaborar da investigação que “resiste à laminação do saber através dos dados” (Kaufmann, 2013, p. 33). Como lugar de fomento de estratégias comunicacionais e de práticas pedagógico-comunicacionais, os cursos foram assumidos como ecossistemas formativos e os indicadores educomunicativos foram identificados nos projetos por meio de quatro categorias (diálogo, gestão, cidadania e redes) que, planilhados e analisados, demonstraram a existência de dimensão dialógico-cidadã latente.

Antes de nos debruçarmos especificamente sobre o que revelaram os projetos pedagógicos, faz-se necessário falar sobre o tipo de jornalismo que a pesquisa buscou identificar, isto é uma atuação jornalística com caráter de emancipação social, cuja inspiração estivesse na “pronúncia do mundo” e no diálogo freirianos. Seguimos este percurso com a inter-relação Paulo Freire e Jornalismo por Eduardo Meditsch (2018; 2022) e Dennis de Oliveira (2017) e do jornalismo com um viés educomunicativo das pesquisas desenvolvidas por Bruno Ferreira (2022) e Christiane Pitanga (2020).

Além da introdução e das considerações finais, o artigo está organizado em duas partes. Uma primeira que aborda o jornalismo como emancipação social que faz uma contextualização do ângulo jornalístico que se quer observar, isto é, vinculado ao movimento da decolonialidade e das lutas de re-existências no território usado. Por fim, a ação dialógica freiriana e as mediações de Martín-Barbero são apresentadas para potencializar os indicadores educomunicativos, que por sua vez, são dialógicos e mediadores para fomentar os ecossistemas formativos jornalísticos.

## 2. JORNALISMO COMO EMANCIPAÇÃO SOCIAL

Sabendo que as pedagogias freireanas se situam no âmbito do giro decolonial e giro multiterritorial e que o ecossistema formativo jornalístico carrega relações de poder-saber que impactam na formação do futuro egresso, o exercício do jornalismo pode ser revistado em torno de uma postura dialógica, intercultural e emancipatória. *Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia e Pedagogia da Esperança - um reencontro com Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2018a; 2018b; 2018c) inspiram este percurso, assim como a história da comunicação latino-americana que carrega em si um passaporte para a cidadania com postura crítica e compromisso transformador e político contestatório (Marques de Melo, 1985; Villanueva, 2016). Em seu interior, despontaram teorias de pesquisadores como Martín-Barbero, Muniz Sodré, Luiz Beltrão, dentre outros. Como campo autônomo do conhecimento, a Educomunicação (Soares, 1999), como epistemologia do Sul (Rosa, 2020), fundamenta-se em autores como Paulo Freire e Jesús Martín-Barbero.

Cientes de que é preciso descolonizar práticas e saberes, o Jornalismo pode optar pela dimensão de pluriverso ao cultivar uma postura dialógica e equitativa que dê atenção à justiça social e à ação cultural de emancipação calcadas em uma prática jornalística cidadã e educ comunicativa que agreguem a coparticipação e coautoria dos sujeitos do lugar em suas produções (Pitanga, 2020; Ferreira, 2022), como pluridiversidade e multiterritorialidade. A pedagogia do jornalismo, discutida por Meditsch (2017; 2018; 2021; 2022), ao articular teoria e prática, possibilita entender a atividade jornalística na prática profissional e na formação de profissionais críticos e competentes e criativos a serviço da transformação da realidade. Problematização e diálogo são elementos que ampliam o conhecimento produzido pelo jornalismo também como desvelamento (Vizeu, 2014) e emancipação (Oliveira, 2017).

As pedagogias dialógicas propiciam ampliação ao fazer-saber jornalístico por meio de novo olhar para a produção noticiosa com narrativas que dêem visibilidade ao cotidiano dos sujeitos em suas lutas de (re)existências e de afirmação no território usado. De acordo com Dennis de Oliveira, outra prática jornalística se levanta contra aquela que nega saberes, isto é, uma prática comprometida com a construção coletiva de emancipação. São necessárias três posturas: tomada de posição para a construção

do contexto vivido, ciência de que a emancipação é um projeto construído coletivamente e que o mundo está em construção (Oliveira, 2017, p. 196). Demarca-se, assim, a tomada de posição diante de um fato enunciado na reportagem (trabalho escravo, etc), afastando-se da tradicional neutralidade. A prática do jornalismo emancipatório tem posição explícita. As diversas vozes, divergentes, são registradas para explicar, justificar e dialogar com a posição inicial tomada (p. 199).

Ousando neste caminho, o “jornalista-edu(comuni)gador(a)” é um profissional com vocação para mediar relações e fortalecer vínculos (Ferreira, 2022, p. 16) e o jornalismo cidadão se fortalece com as práticas educacionais, pois têm o mesmo fim e podem se beneficiar pela estratégia dialógica que leva à troca de saberes, à cultura da sensibilidade e ao espírito cidadão (Pitanga, 2020, p. 81). Os egressos formados com o apoio de competências educacionais têm um recurso a mais para vivenciar a dimensão social como engajamento cidadão, discutindo a realidade e evidenciando as múltiplas faces que aprofundam questões sociais, o que faz emergir um jornalismo de tipo emancipatório.

Seja num veículo tradicional ou em arranjos diferenciados, o egresso que cultiva a capacidade de diálogo e a sensibilidade enfrenta situações desiguais atento ao ideal de justiça social, demonstrando uma atuação distinta do convencional. Isto já acontece com os jornalistas que atuam no terceiro setor, visto que são profissionais preocupados em tornar os processos mais inclusivos e democráticos, inovando na forma de envolver mais pessoas em atividades e procedimentos (Ferreira, 2022, p. 123). As práticas de jornalismo cidadão com foco educacional, alimentadas com estratégias dialógicas, fomentam as trocas de saberes, a cultura da sensibilidade e o espírito cidadão no exercício profissional (Pitanga, 2020, p. 81).

Empoderados, participativos e dialógicos, os sujeitos praticam das ações baseadas no ecossistema formativo jornalístico que se estendem pelo território, ocasião em que o itinerário de justiça social ganha repercussão, possibilitando a existência de territórios educativos no lugar daqueles vulneráveis. Ao se deslocar do interior do ecossistema, se manifesta nas ações que contam com a colaboração dos sujeitos das comunidades e a valorização de seus saberes como estratégias de abertura para aprender novas perspectivas, propondo ações extensionista a partir das áreas da comunicação, do trabalho e dos direitos humanos e justiça social. A comunicação como um direito humano ganha proporções dialógicas, inclusivas, participativas e



colaborativas nas práticas pedagógico-comunicacionais dos cursos (PEREIRA, 2023, p. 189).

Tendo esta perspectiva emancipatória, a leitura intencional de cada projeto pedagógico procurou identificar nos espaços formativos aspectos em torno do diálogo, da gestão, da participação e das relações, como veremos no próximo tópico.

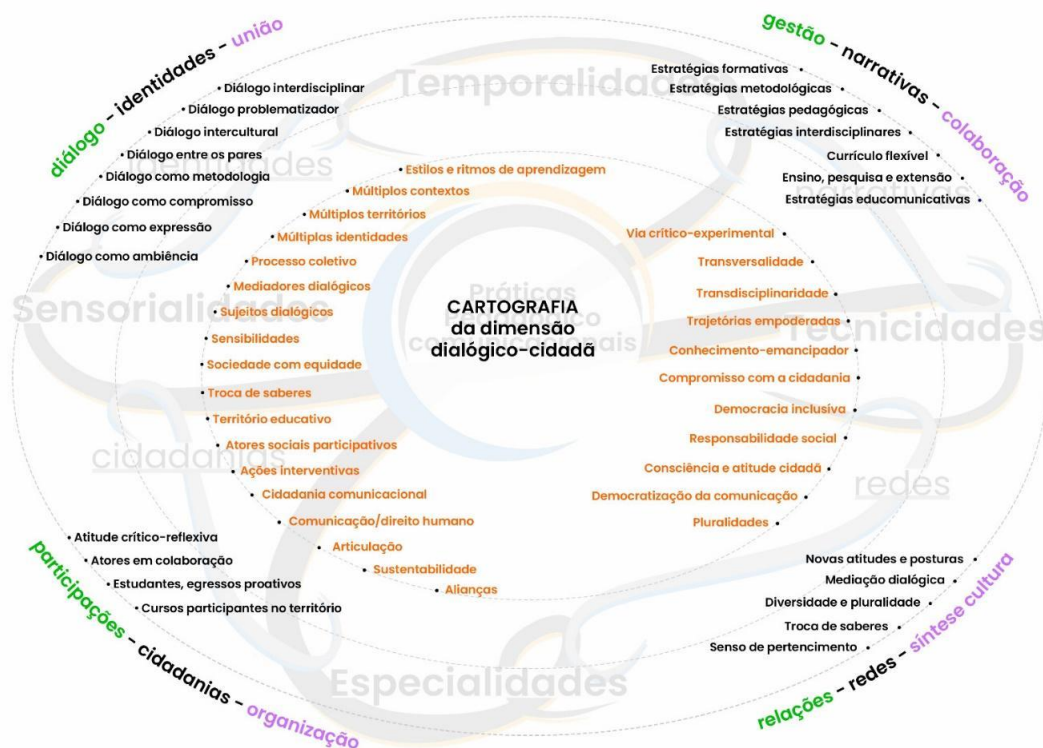
### **3. INDICADORES EDUCOMUNICATIVOS, DIALÓGICOS E MEDIADORES**

Os indicadores educomunicativos, por sinal dialógicos e mediadores, ao serem aplicados nos projetos pedagógicos apontaram que estes carregam uma dimensão dialógico-cidadã, explícita em alguns e latentes em outros (Pereira, 2023). O teor deles acena para uma práxis no ecossistema formativo jornalístico comprometida com a ação cultural para a transformação do mundo, tendo o diálogo, a liderança revolucionária e a colaboração dos sujeitos (aspectos freirianos) como meta para envolvê-los em suas ações no território de inserção dos cursos.

Na ilustração (Figura 1), o mapa das mutações aplicado sob os ecossistemas formativos jornalísticos no território usado, delinea uma mediação capaz de efetivar o trânsito das múltiplas identidades e multiculturalidades dos corpos-território que levam os sujeitos à proposição de múltiplas narrativas e de atuação colaborativa em meio aos saberes pluriversos (plurais) das relações de poder (Haesbaert, 2021, p. 84). Do empoderamento iniciado com a “pronúncia do mundo”, as cidadanias fomentam a organização com a participação coletiva pela articulação como síntese cultural. As dimensões espaço-tempo e tecno-sensorial são eixos em movimento no mapa que repercutem as múltiplas redes, identidades, narrativas e cidadanias.

Empoderada pela dialogicidade, a dimensão cidadã revigora a atuação interventiva dos cursos para transformar territórios vulneráveis em territórios educativos. A cartografia dialógico-cidadã dos indicadores educomunicativos no interior dos ecossistemas formativos jornalísticos é propiciada pelas mediações das sensibilidades emergentes que possibilitam construir uma sociedade equitativa, conforme apontaram as categorias (em preto) e sua confluência (em alaranjado).

**Figura 1: Perspectiva dialógica-cidadã nos projetos pedagógicos de jornalismo**



Fonte: PEREIRA (2023)

Nestes documentos, o indicador “ações de diálogo-identidades-união” se torna perceptível nas estratégias que fazem uso do diálogo social e intercultural, de trocas indisciplinadas, com os pares e do diálogo como metodologia, compromisso, expressão e ambiência. São as estratégias dialógicas que levam às trocas de saberes e às ações interventivas nos múltiplos territórios, contextos, identidades e trajetórias. Com isso, o direito à comunicação leva à cidadania comunicacional, à democratização da comunicação e à democracia inclusiva. Há interesse em facilitar o processo coletivo, participativo, colaborativo, criativo e dialógico na participação dos atores para seu empoderamento e responsabilidade social na produção coletiva do conhecimento e na articulação dos saberes científicos e não-científicos para uma prática interventiva que seja extensão dialógica, educativa, libertadora e democrática.

Os projetos pedagógicos apontaram os professores como facilitadores das descobertas e da interação dialógica, articuladores da teoria e prática para a formação

cidadã, inovadora e sustentável de jornalistas críticos e comprometidos com o debate, a pluralidade e a diversidade na resposta às demandas sociais. Isto leva à proposição de produtos e projetos de jornalismo comunitário que entendem os sujeitos do lugar como coparticipantes de um processo. Os egressos se tornam cientes de que devem atuar como intérpretes da realidade, críticos de informações para qualificar e educar o público receptor em torno da democratização da comunicação, e propor atividades voltadas ao desenvolvimento humano e social, à cidadania como um servir à comunidade. Com a mediação de gestores de processos comunicacionais e de práticas de comunicação, educativas e comunitárias, o ambiente formativo vai aguçando percepções para processos interativos, sociais e de diversidade cultural, de reciprocidade para a construção de um conhecimento-emancipador.

É na “gestão compartilhada da comunicação-narrativas-colaboração” que o currículo formativo articula a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão por meio de estratégias formativas, interdisciplinares, pedagógicas, metodológicas e, em alguns, estratégias educativas. Em muitos deles vai sendo delineada uma via crítico-experimental do processo de ensino-aprendizagem que desperta para o potencial transformador de procedimentos didáticos e dialógicos para a produção jornalística laboratorial e extensionista com visão pluralista, ações educativas, temas emergentes e transversais, considerando estilos e ritmos de aprendizagem. Um currículo flexível que relaciona conhecimento, competências, habilidades, ambientes e estratégias para o pensar e o fazer pedagógico busca atender as demandas locais e a diversidade social e ambiental a fim de levar os atores sociais a se apropriarem das técnicas para serem produtores comunicativos e jornalísticos nas comunidades.

Suas estratégias pedagógicas, metodológicas e interdisciplinares articulam os saberes formativos a uma característica cidadã, ética e emancipatória com respeito aos princípios democráticos e à defesa dos direitos humanos. Com uma prática libertadora e democrática, sua ação pedagógica lapida potencialidades individuais e a curiosidade epistemológica para uma pedagogia didática, criativa e reinventada no contexto sociocultural. Práticas, linguagens e produtos, mais que exercício formativo, são caminhos para experiências sociais capazes de levar os egressos e os sujeitos da

comunidade a serem sujeitos autônomos na construção colaborativa que aprimora competências e habilidades nas ações educomunicativas e comunitárias.

“Participações de protagonismo-cidadanias-organização” é o indicador que possibilita aperfeiçoar o espírito de colaboração e as atitudes crítico-reflexiva dos atores (cursos, estudantes, egressos e comunidades) para uma postura atentas à diversidade e à pluralidade na mediação dialógica, na troca de saberes e no senso de pertença. Todos vivenciam a experiência do lugar e do fazer nele como partícipes nas distintas etapas do processo, comprometidos com a defesa da cidadania, dos interesses coletivos, da melhoria da qualidade de vida da população, respeitando as diferenças e buscando o equilíbrio das múltiplas visões de mundo entre as fontes de informação do cotidiano. Sua consciência cidadã e compromisso ético vincula a profissão jornalística à Declaração dos Direitos Humanos com espírito criativo e atuação crítico-reflexiva na produção jornalística.

Ao atuarem em colaboração, os atores sociais vivenciam territorialidades, identidades e pluralidades regionais que são múltiplas, assim como o papel e a força da imprensa local/regional para facilitar debates e reflexões junto à comunidade local sobre suas questões. Há cursos que se voltam para a questão do voluntariado e da democracia representativa para atender demandas regionais por informação e para fortalecer a democracia e a cidadania ou ainda para atender a arranjos produtivos jornalísticos emergentes que despontam no contexto da economia criativa. Com isto, os cursos aprimoram seu repertório formativo e as competências teórica, técnica, tecnológica, ética e estética na profissão, primando pela formação de um jornalista sensível ao contexto e defensor intransigente dos direitos e deveres do cidadão. Há cursos que atuam na qualificação de grupos no território para sua participação nos espaços de debates públicos e propõem projetos comunitários sob demanda numa perspectiva sustentável, ambiental, participativa e cidadã para consolidação de redes, parcerias e iniciativas em cooperação. As ações são pautadas na pluralidade de ideias e na diversidade individual e cultural, buscando serem ações inclusivas para uma sociedade mais justa e menos desigual. Além do social, a questão ambiental apareceu com força em muitos documentos como apelo à defesa do meio ambiente em torno do exercício da cidadania e do comprometimento com as realidades local e regional.

Com isso, novas relações, novas redes e novas perspectivas são condições que emergem para levar os sujeitos à vivência de um processo que expurga toda e qualquer “invasão cultural”, a antítese da síntese cultural, conforme se verifica pelo indicador “novas relações-redes-síntese cultural”. Estes documentos delinearão as atitudes/posturas estabelecidas em torno da mediação, das diversidades, das trocas de saberes e do senso de pertencimento. Os documentos apontaram que os sujeitos buscam a construção de um outro mundo possível por meio de uma práxis de educação cidadã que os leve a aprender a ser, a existir e a fazer com criatividade. Aspectos que demonstram que os cursos estão se exercitando no autoconhecimento, no respeito à alteridade e às diversidades regionais, na compreensão cultural e suas manifestações, assim como nas questões de relevância social e interesse coletivo. Estão cultivando saberes, habilidades, atitudes e posturas para valores democráticos na equidade, pluralidade étnico-racial e defesa de todos os cidadãos.

Com a mediação dialógica por parte de professores, a responsabilidade social e a política extensionista são ampliadas no processo formativo a fim de assegurar o direito dos sujeitos de participar nas decisões, de intervir para a promoção da cidadania e de garantir visibilidade social como forma de descolonizar a educação e atender as demandas territoriais. Os documentos delinearão que os cursos primam pelo papel social do jornalista como construtor da realidade com senso crítico e atento às questões socioculturais para identificar e assimilar os problemas nos setores mais carentes para exercer sua cidadania como instrumento de promoção da paz, do bem comum, da cidadania e da democracia por meio de processos interativos e sociais para a diversidade cultural e estratégias de aprendizagem.

Esta dimensão leva o jornalista a vivenciar as múltiplas diferenças no convívio e alteridade com as culturas populares e as identidades culturais que se expressam na pluralidade e na promoção da igualdade em vista do exercício profissional ético e inclusivo em um contexto de mutação. Este processo é vivenciado tanto nas trocas de saberes e nos conhecimentos compartilhados, quanto nos produtos elaborados com a comunidade, em consonância com as demandas locais. Com isto, a democratização da comunicação comunitária vai sendo contemplada com estratégias organizativas em prol de uma agenda social pertinente ao desenvolvimento humano e ao exercício da

cidadania com a qual o curso interage com a população e estabelece redes dada a suas relações comunitárias e extensionistas para troca de saberes.

O processo de pertencimento dos agentes (cursos e comunidade) potencializa o desenvolvimento local, social e regional com projetos extensionistas e de jornalismo comunitário com ações de intercâmbio, de tecnologia e de inovação que emanam novas relações para a transformação social, a produção dialógica do conhecimento e a formação cidadã de profissionais éticos, críticos, empreendedores e comprometidos com o desenvolvimento social, humanístico e ambiental.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta discussão, iniciada na tese que foi defendida em dezembro de 2023, traz à tona a responsabilidade dos cursos de jornalismo para a formação de um profissional sensível aos gritos e às demandas sociais e territoriais. Perspectiva que alimenta sua consciência de que o território usado e o acontecer solidário demanda sua atenção em vista da proposição de ações com foco na transformação sociocultural. Os 23 projetos pedagógicos analisados sinalizam que práticas empoderadas são desenvolvidas para cumprir as recomendações das diretrizes curriculares e extensionistas para a contribuição com o desenvolvimento local e regional e resolução de dilemas sociais.

Estas ações foram observadas como práticas pedagógico-comunicacionais, uma área da educomunicativa, que é percebida pelas estratégias comunicacionais que os cursos adotam para realização suas ações no ecossistema formativo jornalístico. Esta área se vale de quatro indicadores educomunicacionais, ressignificados pela ação dialógica freiriana e mediações barberianas, possibilitando que os projetos de curso fossem lapidados pelas categorias de diálogo, gestão, participação e redes, o que apontou para a dimensão dialógico-cidadã com forte presença ou latente em alguns.

O referencial teórico-metodológico utilizado fundamentou-se em Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Milton Santos e em três áreas do conhecimento que, embora distintas (Comunicação, Educação e Geografia), vivem um mergulho transdisciplinar - Educomunicação e Geografias da Comunicação. O território usado e o acontecer solidário são conceitos geográficos que possibilitam aos cursos compreenderem sua

inserção territorial pelo prisma de sua contribuição para a existência de territórios educativos e, por sua vez, a exclusão de territórios vulneráveis.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: la nueva mestiza**. Madri: Capitán Swing Libros, 2016.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, n. 11, 2013, p. 89-117.

BRASIL. Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução CNE/CES nº 7). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2018. Brasília, de 18 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo (Resolução nº 21). Brasília, de 27 de setembro de 2013.

ESCOBAR, Arturo. **Desde abajo, por la izquierda y con la Tierra: La diferencia de Abya Yala/Afro/Latino-América**. In: Gudynas, E. et al. Rescatar la esperanza: más allá del neoliberalismo y el progresismo. Barcelona: Entre Pueblos, 2016.

FERREIRA, Bruno Oliveira. **Jornalismo e educação: competências necessárias à prática comunicativa**. Curitiba: Appris, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018b.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018c.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GROSGUÉL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra, n. 80, 2008, p. 115-147.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires:

Clasco; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTRICH, Laura Comunicación en Jesús Martín-Barbero: incursión a tres obras fundantes. In: ACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTRICH, Laura (Orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús MartínBarbero**. Ed. Omar Rincón. Trad. Fabrícia Reginato. Quito: Ediciones Ciespal, 2019, p. 25-58.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

MALDONADO, Claudio, **Introducción: Apuntes sobre descolonización epistémica en el pensamiento comunicológico regional**. En: Chasqui, Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 131, 2016, p. 39- 46.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009, pp. 396-443

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação: teoria e política**. São Paulo: Summus, 1985.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana – Azcapotzalco, 2010 [1987].

MEDITSCH, Eduardo; NOGUEIRA, Rose Dayanne Santana; GUIMARÃES, Nicole (org.). **Comunicação e pedagogia emancipatória: memória da disciplina Pedagogia da Comunicação no PPGCom da FAC UnB**. v. 1, 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022a.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e pedagogia emancipatória: memória da disciplina Pedagogia da Comunicação no PPGCom da FAC UnB**. v. 2, 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022b.

MEDITSCH, Eduardo; KRONBAUER, Janaíne; BEZERRA, Juliana Freire. (Orgs.). **Pedagogia do Jornalismo: desafios, experiências e inovações**. Florianópolis: Insular, 2020.

MEDITSCH, Eduardo; AYRES, Melina de la Barrera; GOBBI, Juliana Betti; BARCELOS, Marcelo. (Orgs.). **O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes: miradas sobre projetos em implantação**. Florianópolis: Insular, 2018.

MELLO, Luci Ferraz. **Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico**. 2016. 374p. Tese (Programa de Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.



MIGNOLO, Walter D. ***The geopolitics of knowledge and the colonial difference.*** The South Atlantic Quarterly, Durham, v. 101, n. 1, 2002, p. 57-96.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 269-279.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação** – uma prática jornalística baseada em Paulo Freire. Curitiba: Appris, 2017.

PEREIRA, Antonia Alves. **Formação em Jornalismo:** um estudo de projetos pedagógicos e práticas pedagógico-comunicacionais em diferentes regiões brasileiras. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PITANGA, Christiane. **Educomunicação e jornalismo:** possibilidade de prática educativa para o exercício do jornalismo cidadão. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad/racionalidad.* In: Bonilla, H. (org.). **Los conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas.** Bogotá: Tercer Mundo, 1992, p. 437-447.

RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Mapa Insome 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural* (Idea y argumento: Jesús MartínBarbero; Interpretación libre Omar Rincón). In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTRICH, Laura (Orgs.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero.** Ed. Omar Rincón. Trad. Fabrícia Reginato. Quito: Ediciones Ciespal, 2019, p. 17-23.

ROSA, Rosane. **Epistemologias do Sul:** desafios teórico-metodológicos da educomunicação. Comunicação & Educação. n. 25, v. 2, 2020, p. 20-30.

SANTOS, Milton Santos. **A natureza do espaço:** espaço e tempo: razão e emoção. 4ª ed. 10ª reimpressão. (Coleção Milton Santos; 1). São Paulo: Edusp, 2020a [1996].

SANTOS, Milton Santos. O retorno do território. In: OSAL: **Observatório Social de América Latina.** a. 6, n. 16. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 255-261.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, a aplicação, o profissional. São Paulo: Editora Paulina, 2011.

\_\_\_\_\_. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato:** Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte, Brasília, a.1, n.2, p. 19-74, jan./mar. 1999.

SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENEZES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

VILLANUEVA, Erick R. Torrico. **La contribución del pensamiento teórico latinoamericano a la constitución del campo conceptual de la comunicación: 1960-2009**. Tese (Programa de Doctorado en Ciencias Sociales y Jurídicas), Facultad de Ciencias de la Información, Universidad Rey Juan Carlos. Madrid, p. 325. 2016.

WALSH, Catherine. **Agrietar la Universidad. Reflexiones interculturales y decoloniales por/para la vida**. Querétaro/México: Universidad Pedagógica Nacional, 2023

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: S. Castro-Gómez & R. Grosfoguel (Ed.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2017, p. 115-142.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial*. In: **Memórias del Seminario Internacional Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad**. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 17-19 de abril de 2007.

WALSH, Catherine. *Introducción - (Re)pensamiento crítico y (de)colonialidad*. In: C. Walsh. **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas**. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005, p. 13- 35.

VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Júnior. Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento. **Famecos** – mídia, cultura e tecnologia. v. 21, n. 3, p. 860-877, set./dez. 2014.